



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Comunicação - FAC
Departamento de Audiovisuais e Publicidade
Projeto final em Publicidade e Propaganda
Orientador: Prof. Wagner Rizzo
Matrícula: 16/0016487

**Aumento um ponto: a construção de um livro
de crônicas baseado na vivência do autor**

Pedro Cavalcanti Albuquerque

Orientador: Prof. Wagner Rizzo

Brasília

2020



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Comunicação - FAC

Departamento de Audiovisuais e Publicidade

Projeto final em Publicidade e Propaganda

**Aumento um ponto: a construção de um livro
de crônicas baseado na vivência do autor**

Pedro Cavalcanti Albuquerque

Orientador: Prof. Wagner Rizzo

Memorial descritivo do produto apresentado à
Faculdade de Comunicação da Universidade de
Brasília (UnB), como requisito parcial à obtenção
do título de bacharel em Comunicação Social com
habilitação em Publicidade e Propaganda.

Brasília

2020

Faculdade de Comunicação - FAC
Departamento de Audiovisuais e Publicidade
Projeto final em Publicidade e Propaganda

Memorial descritivo do produto apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.

**Aumento um ponto: a construção de um livro
de crônicas baseado na vivência do autor**

Pedro Cavalcanti Albuquerque

Brasília

2020

Banca Examinadora

Prof. Orientador Wagner Rizzo

Profa. Carina Flexor

Prof. Edmundo Brandão Dantas

Suplente: Prof. Gustavo de Castro E Silva

Link para acesso do produto:

https://drive.google.com/drive/folders/18U6HbC_q7G4cSuHRloM6UTJCCjFSV1Ot?usp=sharing

Qué bello es vivir
A mi me gusta cada cosa
Que la vida nos ofrece
El placer me reconforta
El dolor me fortalece
Disfruto cada segundo
Y cada segundo que viene
Qué bello es vivir (Manuel Medrano)

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço o universo por ter me proporcionado o dom da perseverança e da paciência e por me cercar de pessoas incríveis e extremamente importantes para o meu labor. Agradeço também aos familiares que me ajudaram bastante na elaboração desse projeto, aos meus amigos que tiveram que ouvir diversas reclamações e recusas aos convites de passeios e que mesmo assim me deram forças para essa jornada na universidade, à Luiza que me ajudou nos temas para os textos, nos prazos de entregas do projeto e que em todos os momentos se fez presente na minha vida em forma de carinho e apoio, aos professores que tive o prazer de conhecer na UnB que foram essenciais para trilhar meus caminhos profissionais, em especial ao meu orientador Wagner Rizzo. Por fim, obrigado àquelas pessoas que se fizeram presentes na minha vida e em algumas das histórias que aqui estão registradas e contadas.

Resumo

O presente trabalho descreve o árduo porém prazeroso processo de construção do livro de crônicas “Aumento um ponto”, inspirado nas experiências vividas e reflexões feitas acerca destes acontecimentos. Seu referencial teórico trabalha três eixos de pesquisa, sendo eles o leitor, as histórias vividas e suas reflexões e o livro em si. O memorial descreve o processo criativo ao mesmo tempo que apresenta detalhes da construção literária e suas potenciais dificuldades.

Palavras-chave: comunicação, livro, prosa, crônicas, leitura, rotinas.

1. Introdução	9
1.1 Problema de pesquisa	10
1.2 Justificativa	10
1.3 Objetivo Geral	11
1.4 Objetivos Específicos	11
1.5 Metodologia	12
2. Referencial Teórico	12
2.1 O leitor e sua leitura na era do Instagram	12
2.2 As histórias e suas reflexões	14
2.3 O livro em si	17
3. Produto final: histórias e mais histórias	19
4. Considerações finais	22
5. Referências	23

1. Introdução

Eu não me dou muito bem com livros grandes. Pode parecer estranho que nos meus últimos quatro anos eu não tenha lido nenhum livro com mais de trezentas páginas enquanto eu ostento até na pele, por meio de uma tatuagem, o fato de eu adorar leitura e escrita. No meu dia a dia, são aqueles textos de legenda de redes sociais e as imagens saturadas na minha tela de celular minhas mais recentes leituras. Tento me convencer de que a leitura é uma das práticas mais importantes para a escrita e isso faz com que eu comece mais um dos oitenta livros que tenho acumulando poeira nas estantes. Desisto com facilidade e fico com, dependendo de como os autores começam, apenas locais de histórias ou pequenos personagens sem ações na memória.

Ler, para mim, se tornou uma atividade rápida e curta. Aprendi a amar essas histórias que têm seu início, meio e fim na mesma página de papel. Valorizo escritores como Machado de Assis e Stephen King que construíram verdadeiros universos repletos de cenários e detalhes que demoram várias e várias páginas para serem descritos. Infelizmente, vivemos sobre a ordem da rapidez e da multitarefa, onde todas as coisas são executadas de maneira simultânea e com toda a pressa existente no universo. Como consequência, a maneira que eu leio mudou e por isso, a maneira que escrevo também. Troquei parágrafos inteiros de descrição de ambiente por um ou dois adjetivos para falar da sala. Troquei a escrita exacerbadamente descritiva e completa de Machado e Stephen pelas escritas leves, diretas e muitas vezes cruas de Martha Medeiros e Mário Sérgio Cortella.

Um dos tipos de sujeito-leitor agora tem uma nova relação com a leitura e, por consequência, com os livros. Livros estes que começaram a ser ressignificados a partir da Revolução Industrial e principalmente depois da abrupta ascensão dos meios digitais. O advento da internet e os dispositivos digitais tornaram a ideia de armazenamento e compartilhamento de informações atividades realmente fáceis e democráticas, fazendo com que muitas pessoas decretassem não só a morte do jornal impresso mas também a dos livros, como abordado na obra “Não contem com o fim do livro” de Umberto Eco e Carrière (2010). Entretanto, o livro ainda respira, muitas vezes com ajuda de aparelhos, e se adapta a esse novo cenário.

Para além de questionar este tipo de publicação e seu valor frente às novas gerações, torna-se necessário a atividade de pensar nas qualidades do livro e como conseguir explorar suas potencialidades e características para que assim seja possível conquistar novos leitores. O ato de ler, levando em consideração o volume estarrecedor de informações que são produzidas a cada instante, continua sendo uma tarefa necessária e demorada, mas que agora é diferente e por isso precisa ser entendido e explorado.

Partindo desses pensamentos acerca da leitura, do produto literário do livro e das características atuais de um leitor comum, surgiu a pesquisa aqui proposta e a vontade de produzir um livro que reunisse respostas obtidas e análises realizadas acerca desse novo universo. Esse produto também surge de uma vontade pessoal de compartilhar histórias vividas e reflexões feitas frente às situações vividas em uma vida sem grandes conturbações de um jovem de vinte e dois anos.

No começo do ano de 2018 tive a oportunidade de entrar em uma empresa júnior e trabalhar como redator. Durante quase um ano propus e participei de diversos projetos publicitários com alguns grupos de colegas de trabalho. Como resultado, para muitas pessoas eu construí um portfólio repleto de projetos. Só quem de fato possui um contato pessoal mais íntimo comigo sabe que o portfólio verdadeiro foi o de histórias vividas.

Essa experiência me fez repensar a maneira como as minhas histórias eram armazenadas e contadas. Meus registros de produções textuais eram, até então, repletos de detalhes e tinham suas histórias divididas por incontáveis páginas. A maior parte das histórias ainda permanecem guardadas na minha mente de uma maneira bastante íntima, mas compartilhar os momentos vividos e minhas memórias sempre foi um desejo meu. Porém, eu quis me desafiar e quis encontrar uma maneira alternativa aos diários e blogs na internet para fazer isso. Por isso, juntei as minhas vivências com a vontade de compartilhar não só a minha escrita, mas também as mudanças estruturais que adotei nela para produzir a proposta, o livro descrito nesse trabalho.

Os pontos que seguem buscam realizar uma revisão bibliográfica que delimita as fronteiras dessa pesquisa e fornecem conceitos básicos para a execução do produto dentro dos três eixos principais: o leitor, as histórias e suas reflexões e o livro em si. Os pontos finais são dedicados a mostrar um memorial descritivo com detalhes do processo de conceituação, criação e elaboração do produto final.

1.1 Problema de pesquisa

Como desenvolver um livro rápido de ler; compatível com o cotidiano do leitor contemporâneo?

1.2 Justificativa

As razões para a produção desse trabalho, para além dos motivos de interesse pessoal e paixão pela escrita, estão nas contribuições acerca do processo de pensar a produção de um livro tendo especificamente um alvo que não gosta de ler ou que diz não ter tempo para isso e que está acostumado à estrutura e fluxo de leitura de um ambiente virtual. O resultado dessa pesquisa pode servir como base e referencial acadêmico para outras produções que buscam entender as particularidades desse novo tipo de leitor e como o produto do livro pode ter sua estrutura adaptada para a maneira como a leitura se configura na atualidade.

Além disso, contar histórias e documentar memórias são atividades que colaboram para a criação de um marco temporal e histórico da nossa atualidade. O produto desta pesquisa será um registro de histórias construídas a partir das minhas vivências e reflexões dentro de um determinado contexto. Tendo em vista que será um produto que tem como premissa atender às demandas do novo leitor, ele também vai ser reflexo desse contexto da pressa e da multitarefa. Portanto, tem sua importância também justificada em razão da sua carga emocional individual que estão repletas de fragmentos de uma memória ou vivência coletiva que de certa forma são capazes de refletir a nossa sociedade atual.

1.3 Objetivo Geral

Desenvolver um livro que documente histórias vividas e reflexões feitas durante a vida tendo em vista o perfil do leitor da atualidade.

1.4 Objetivos Específicos

- Descrever um panorama histórico das obras literárias e suas características
- Identificar e analisar o perfil do leitor da atualidade
- Entender, catalogar e contar histórias e reflexões pessoais
- Produzir o livro
- Documentar todo o processo de produção

1.5 Metodologia

Para que haja compreensão completa do tipo de produto que se pretende desenvolver nesta pesquisa, é essencial o uso da pesquisa bibliográfica como principal método. É ela que vai contextualizar todo o produto, delimitar suas fronteiras e justificar, por meio de fundamentos, as escolhas durante a produção do mesmo. Conforme antes apresentado, a bibliografia explorada trata dos três eixos que por vezes se interseccionam neste processo: o leitor atual, as histórias e suas reflexões e, por fim, o livro.

Após essa etapa, a produção do livro começa por uma pesquisa exploratória de referentes a fim de encontrar formatos editoriais que forneçam as características necessárias para concretizar o produto e atender às demandas do seu público. Ao mesmo tempo, serão selecionados registros e histórias pessoais referentes à minha vida que farão parte do conteúdo do livro que, por fim, será publicado eletrônica e fisicamente, sendo a forma física um projeto futuro apenas para leitores que sejam próximos e presentes na minha rotina.

2. Referencial Teórico

2.1 O leitor e sua leitura na era do Instagram

A motivação desse trabalho veio de uma reflexão sobre meu modo de leitura dos últimos anos que se passaram. O hábito de ler muitos livros completos por ano fazia parte da minha vida. Lembro de ler todos os livros do Harry Potter e do Percy Jackson e os Olimpianos. Costumava dedicar as últimas três horas do meu dia folheando algum desses livros em uma espécie de maratona literária. Mas conforme o tempo foi passando a minha relação com os livros encontrou, nos meios digitais, um obstáculo. Os textos que começaram a chegar até mim foram mudando e a minha leitura já não conseguia ter aquele foco em terminar um livro que tivesse mais de 300 páginas. Eu deixei de lado o meu amor pelo mundo da magia de J.K Rowling e acabei diminuindo a minha atenção aos acontecimentos descritos por Rick Riordan em seus livros de temática infanto-juvenis. Comecei a, na urgência da vida cotidiana, tentar ler

vários pequenos textos e muitas histórias de vida contadas de forma curta em *blogs*. Percebi que esse comportamento não se restringia a mim: meus amigos próximos não falam sobre suas leituras, não andam mais com um livro debaixo do braço. O ambiente virtual fez com que essas mudanças acontecessem não só comigo, mas com muitas pessoas do meu ciclo. Fui percebendo que as pessoas próximas a mim estavam com esse mesmo comportamento de leitura.

No início, essas observações vieram acompanhadas da culpa de não cumprir minhas expectativas de leitura, culpa por ter mais de quarenta livros na estante sem eu nem saber o nome do personagem principal da trama, culpa por não ler. Mas, depois de todo esse momento ruim, começaram a surgir algumas indagações, algumas dúvidas: por que a minha leitura e dos meus amigos está assim? Como se explica esse nosso modo de ler? Que tipo de leitores eu e meus amigos somos? A partir dessas inquietações busquei responder essas perguntas mas, antes de tudo, busquei entender qual contexto estamos inseridos.

Conforme afirma Lucia Santaella (2009), a história do livro e da leitura vem chamando atenção de vários pesquisadores, principalmente após o surgimento de novos equipamentos eletrônicos capazes de servirem como suporte para os textos escritos. Esses suportes, como *Kindles* e a própria internet, permitem organizar os textos numa estrutura que por muitas vezes é hipermediática, que por sua vez é uma estrutura híbrida capaz de armazenar e misturar diversas linguagens como textos, imagens, vídeos e sons a fim de criar uma espécie de fluxo não-sequencial que gere multidimensionalidade na leitura. Muitos pesquisadores tentam entender melhor todo esse contexto por medo das incertezas relacionadas ao futuro do livro frente à ascensão dessas tecnologias. O medo do fim do livro impresso criou, assim como o medo do fim do rádio e outras formas de comunicação, uma problemática em diversas áreas do conhecimento.

Entretanto, o foco precisa estar em entender a prática da leitura para que assim seja possível ressignificar o que concebemos como texto, história e textualidade e desvinculando ambos de um formato específico de livro. Só assim alcançaremos a ideia de que a leitura como “as relações entre palavras e imagem, desenho e tamanho de tipos gráficos, texto e diagramação” (SANTAELLA, 2009, p. 16). Isso é o que permite enxergar a multiplicidade de leitores e fugir dessa sensação de culpa de não se sentir uma pessoa digna do título de leitor. Os leitores de pequenos textos, crônicas, imagens, desenhos, pinturas e cinema possuem a mesma relevância que aquele que opta por investir dezenas de horas para ler um romance. O que interessa é captar e entender quais suas características e habilidades utilizadas no processo de leitura e qual o contexto que promove suas leituras.

Para esse trabalho, o tipo de leitor que interessa entender é principalmente o que opta por histórias menores onde as situações vividas cabem em um relato curto e capaz de ser lido com apenas alguns poucos minutos de atenção. Leitor esse que tenta adentrar em um mundo imersivo em que ele viva toda a história que está sendo contada. Leitor esse que entende a leitura rápida como uma espécie de diálogo, uma vez que a vida, de acordo com Mikhail Bakhtin (2011) é dialógica por natureza.

E quando se trata de leitura, tendo como recurso o texto literário em si, é preciso lembrar que a organização de palavras é o que dá vida aos fatos narrados. Sendo assim, por mais rápida que seja a leitura, ela precisa de uma noção mínima de linearidade e sentido. Além disso, entendemos que, além da linearidade e essa espécie de ritmo, traços culturais e aspectos de vida comum são pontos chamativos que acabam por aproximar o leitor de um determinado texto literário.

Por esses motivos, conseguimos elaborar uma espécie de tipo de leitor dos tempos atuais. Ele tem à disposição uma infinidade de textos em seus mais diversos formatos, mas poucos são aqueles que ele realmente se interessa ao ponto de se esforçar para manejar um tempo para se dedicar à leitura. Ele quer uma nova forma de ler, não necessariamente algo que nunca fora criado, mas algo que ele não teve um contato tão forte assim. Sua essência como leitor está na pressa e na necessidade de entender todo um acontecimento em questão de minutos, pois a vida cotidiana não permite bons intervalos para a realização de grandes leituras.

Reconhecer e determinar este tipo de leitor como público foi apenas o primeiro passo que permitiu e fundamentou a ideia de elaborar um livro inteiro em formato de crônicas para que assim seja possível passar mensagens completas e rápidas para os possíveis leitores que já não se identificam mais com os formatos de leitura dos anos 2000. Assim conseguimos encontrar novas formas de repensar e ressignificar o próprio livro enquanto objeto por meio de uma nova forma de diálogo.

2.2 As histórias e suas reflexões

A memória é objeto de estudo por todo o mundo. Autores das mais diversas áreas como filosofia, história, sociologia, neurofisiologia e algumas outras trazem diferentes modos de enxergar a memória. Se olharmos pela luneta da psicologia cognitiva, relacionamos a memória aos processos que nosso cérebro realiza para lembrar de um certo acontecimento ou histórias completas que chegam no nível do nosso cognitivo, o que pode ser definido como memória de

declaração ou memória declarativa, mas também lembrando-se de processos essenciais para a nossa existência, como o ato da respiração e processos como digestão e filtração pelos rins, que podem ser definidas como memórias procedurais. Ou seja, a memória, como aponta Jacques Le Goff (1982), pode ser definida como um conjunto de funções psíquicas do homem enquanto ser. Entretanto, mesmo nessa análise extremamente individual e íntima, temos que entender que a memória é um fenômeno coletivo social, como aponta Michael Pollak (1989). Para essa produção em questão, as perspectivas individuais e coletivas assumem igual destaque, pois o produto aqui desenvolvido leva em consideração acontecimentos pessoais que dependem de um certo acervo cultural de informações para que assim eles se tornem agradáveis de ler e conhecer, uma vez que eles serão capazes de fornecer insumos para realização de reflexões individuais acerca dos temas abordados. É desse contexto que partiremos com a pesquisa. Contexto esse que foge de uma análise apenas individual e particular para que seja possível agregar os leitores nas próprias histórias contadas e fazer dessas histórias uma espécie de diálogo. Sendo assim, o foco será nas relações que podem ser firmadas a partir de um contexto ou história.

As nossas lembranças sempre se conservam e se apoiam em outros grupos ou indivíduos. O processo de lembrança está sempre acompanhado, mesmo que estejamos fisicamente sozinhos. Para podermos interpretar uma situação qualquer do nosso dia a dia o nosso cérebro necessariamente precisa se deslocar de contexto em contexto, pessoa em pessoa (HALBWACHS, 2004).

Essas memórias, que são divididas entre um grupo, influenciam de forma direta no que a nossa memória individual grava, exclui e às vezes relembra, mesmo que de forma inconsciente (POLLAK, 1992, p. 203). Às vezes vivemos algo que nem sempre participamos, mas que no nosso imaginário coletivo tomou tanta força que no fim é quase impossível termos a certeza da nossa participação ou ausência nos acontecimentos lembrados. Aqui, podemos, sim, considerar a fala do empreendedor e palestrante motivacional Jim Rohm, que alega que todas as pessoas são na verdade, a média das cinco pessoas que elas mais convivem. Como alega Maurice Halbwachs (2004), nós como integrantes de um contexto estamos tão bem alinhados e afinados com aqueles que nos cercam que nossas vibrações acabam se juntando e funcionando de forma uníssona, fazendo com que nós não saibamos mais de onde surgiram essas vibrações, sejam elas em nós ou nos outros. O ser humano acaba por ser tão sociável ao ponto desse fato induzir diretamente na sua memória e capacidade de armazenamento. Nesse raciocínio, conseguimos dizer que os agentes externos são sim extremamente importantes para justificar os momentos de lembranças e esquecimentos.

Entretanto, essa memória, quando apenas individual, se mostra debilitada. Esta alegação se sustenta no fato de que utilizamos de ferramentas e estratégias para superar os supostos limites de armazenamento do nosso cérebro. Quando queremos decorar um determinado conteúdo para uma prova hipotética, nos baseamos e abusamos da estratégia da repetição para que assim consigamos armazenar e, quando necessário, resgatar algumas informações. Por se basear em estratégias de burlar o próprio sistema cognitivo, podemos definir que a memória humana está, de acordo com Pierre Lévy (1993), longe de ter uma performance comparável a de um equipamento ideal de armazenamento, como por exemplo os discos rígidos de computadores. Consequentemente, para resolvermos essa situação enquanto humanos, começamos a produzir suportes que sejam capazes de garantir a segurança dessas informações e outros suportes que aperfeiçoem nossos processos de lembrança cognitiva.

Ao longo da história, os meios de comunicação se mostraram como suportes essenciais para auxiliar na retenção das memórias e também apresentaram novas abordagens para o armazenamento de informações, como apontam os autores Carlos Mello e Nicholas Andueza (2019). Hoje, quase a totalidade das informações encontram-se disponíveis em acervos de uma ampla memória digital. A nossa sociedade moderna tem, como privilégio, o acesso quase que ilimitado às informações por causa dos bancos de dados e da internet que torna capaz toda a conectividade desses dados. Este imenso e liberado banco de dados acaba por agir como uma memória coletiva, esperando, de acordo com Pierre Lévy (1993), um sinal para serem combinadas entre si, tornando-se massas compactas e assim propagar-se pelo mundo em infinitas e inesgotáveis ondas. Aproveitamos toda essa disponibilidade para, dia após dia, entregarmos cada vez mais a nossa memória para outros dispositivos (LÉVY, 1993, p. 71).

Sendo assim, encontramos, neste ponto, um paradoxo: o excesso de informações é ao mesmo tempo motivo de esquecimentos e lembranças. Sempre quisemos lembrar de tudo e por isso criamos diversos dispositivos capazes de realizarem esta ação. Entretanto, uma vez que nosso cérebro percebeu que ele tem essa imensa disponibilidade de aparelhos de armazenamento, começou a se esquecer, pois a memória individual em si foi perdendo seu valor para a vida rotineira. Assim, delegamos a atividade de memorização a elementos terceiros (ANDUEZA; MELLO, 2019, p. 311) e tudo isso leva a pensar se a própria noção de memória ainda se faz necessária neste contexto atual.

Entre estes objetos destacados, podemos assumir que o livro que será resultado de toda esta pesquisa tem como uma de suas primordiais funções armazenar as informações, as histórias e as reflexões feitas. Entretanto, as memórias transmitidas pelo livro emanam os perfumes das histórias que nele estão impregnadas (ECO, 2010), desprendendo informações que não

necessariamente tem relação direta com o conteúdo da leitura mas que se mostram extremamente importantes para o entendimento e apreciação de um determinado texto ou livro.

É necessário, portanto, que o leitor faça analogias e confrontações frente às ideias apresentadas pelo autor. Só será plena e completa a comunicação do autor uma vez que ele consiga estabelecer um diálogo com o leitor. Sendo assim, as memórias relatadas no livro acabam sendo mutáveis, uma vez que se modificam e representam coisas distintas para leitores distintos. Mas, de novo, o que são memórias?

Pollak (1992) alega que a memória tem, em sua constituição, três elementos, sendo eles as pessoas, os lugares e os acontecimentos. Critérios esses que, de acordo com o autor, podem ou não estar relacionados à nossa realidade, seja ela concreta ou não. Sendo assim, os elementos podem ter sido vividos, vistos, conhecidos ou visitados pelo indivíduo ou grupo ao qual ele faz parte. Por isso, a memória está ligada a um campo do imaginário, que apresenta algumas debilidades enquanto ambiente de fato. Mas, como essa produção se apoia na relação fluante, não precisamos nos preocupar com este fato. O que realmente importa é a conexão feita com os leitores e a obra, sem julgar importante a concepção dessa conexão. Não é necessário que a mensagem que foi escrita seja exatamente a mensagem entendida pelo leitor. Caso se efetue um diálogo capaz de fazer surgir uma reflexão, o êxito se faz presente.

Resumindo, usaremos aqui a ideia de que a memória é um elemento adaptável, claramente construído e que surge em um contexto essencialmente coletivo. Ela tem o papel de manutenção daquilo que entendemos como tempo e também é essencial para a reconstrução de fatos, lugares e identidades. Partimos dessa conclusão para, com base nos conceitos que já foram construídos e os pontos que ainda serão adicionados, executar a criação de um livro de crônicas que estabeleça uma conversa entre as histórias vividas e contadas pelo autor e as memórias dos leitores.

2.3 O livro em si

Propor a criação de um livro fazendo parte da cultura de fascínio pelos meios digitais é, no mínimo, desafiadora. Desde o surgimento do livro, na Era Moderna, o próprio apresentou pouquíssimas mudanças e sua estabilidade é, levando em consideração toda esta cultura de obsolescência programada e desejada em que vivemos, algo curioso. O que foi e vem sendo feito com os livros para que eles não sejam esquecidos? Alguns leitores conseguem afirmar e

defender com convicção a ideia de que a leitura é um dos pequenos prazeres da vida, como sugere o estilo de vida norueguês do *hygge*, que não tem tradução direta para o português e que basicamente, de forma bem crua, remete a um estilo de vida focado no bem estar, no aconchego e nos pequenos prazeres. O que acontece e faz desse questionamento ainda mais intrigante é que conforme novas tecnologias vão surgindo, os outros meios e aparelhos começam a ter sua essência e seu uso questionado o que, na maioria dos casos, leva a uma alteração ou é datada a morte figurada deste aparelho ou meio. Entretanto, levando em consideração as poucas alterações sofridas pelo livro como produto, podemos dizer que esse questionamento não foi tão forte assim e por isso o mesmo permanece quase que inalterado.

Agora, deixando de lado todo o interesse pessoal já descrito neste trabalho, podemos justificar a escolha não só do livro mas do formato textual presente nele. A leitura torna possível, como já mencionado, o atingimento de novos significados e vivências. Mas, para isso, é necessário que o leitor seja seduzido pelo texto, uma vez que, caso contrário, a abertura de uma nova aba no navegador se torna capaz de levar esse potencial leitor para um caminho completamente diferente daquele sugerido pela produção textual em questão. É necessário estabelecer, conforme mencionado anteriormente, um diálogo pois ele é o resultado da interação entre o conteúdo apresentado por um autor e a bagagem cultural dos possíveis leitores e ele é o combustível principal da motivação deste trabalho e desta produção. Diálogo este que, caso o produto alcance um certo sucesso, ganha um patamar de discussão e reflexão dinâmica em uma grande escala. Portanto, em uma hipotética situação de sucesso, as histórias e as memórias contadas no livro servirão como insumos da memória coletiva de um grupo ainda maior que o usual.

A justificativa a respeito da escolha do gênero textual a ser abordado no produto se dá, além do interesse pessoal, pelos ideais de leveza e simplicidade que as crônicas são capazes de reproduzir. Ainda assim, levando em consideração toda essa cultura de pressa e multitarefa, um dos formatos que se encaixa nesta atual rotina é a crônica, uma vez que ela tem a regra de se fazer completa em um curto espaço de papel e tempo.

Para que as possibilidades de sucesso sejam maiores e que a estruturação seja condizente com o contexto sociocultural da atualidade, a produção estará disponível na forma impressa e quase que inalterada, se comparada à forma criada ainda na Era moderna, e também se fará presente na forma de livro digital, uma vez que os meios digitais tornam as ideias de armazenamento e compartilhamento de conteúdo, sejam eles histórias, memórias ou simplesmente dados, mais fáceis e mais baratas.

3. Produto final: histórias e mais histórias

A proposta feita no início deste trabalho era desenvolver, tomando como base as vivências, memórias e reflexões feitas, um livro de crônicas que fosse capaz de conversar com seus leitores. No início eu até soube executar e criar diversos textos que se mostraram úteis para divulgar minhas histórias e pensamentos, mas eu não fui capaz de, no primeiro instante, entender o motivo dessa criação.

Esse processo, como todo trabalho de conclusão de curso, foi repleto de idas e vindas, paradas, frustrações e, portanto, sem uma linearidade ou ritmo definido. Por isso, nesse memorial, optei por descrever o que estava por trás dessa produção e busquei entender o real motivo de querer publicar um livro.

Desde que surgiu a ideia de realmente optar pela idealização, criação e edição de um livro, eu queria que ele fosse leve e fácil de ser lido. Em função disso, ao elaborar uma lista de possíveis temas a serem tratados eu, conscientemente, evitei escolher temas que fossem mais mórbidos ou difíceis de serem absorvidos. Entretanto, me senti na obrigação de tratar alguns temas mais sérios como vícios, brigas e até mesmo a morte, mas, quando os fiz, reforcei minha atenção a fim de construir textos capazes de tratar até os mais difíceis assuntos com a leveza e simplicidade que se espera de uma crônica.

Durante meu processo de criação tive a constante busca por autores que constroem leituras leves para seus leitores. Sendo assim, vi em Martha Medeiros uma referência não só no cenário da crônica, mas também na construção de literatura leve, sutil e com um certo ar de descompromisso. Além disso, os claros momentos de diálogos autor-leitor criados por Mário Sérgio Cortella também foram tomados como referências capazes de lapidar todo o trabalho que se desenvolveu neste produto.

Partindo disso, elaborei um esquema de produção que foi criando ritmo ao longo dos dias. Construí também uma espécie de lista de obrigatoriedades a serem respeitadas em todos os textos. Tornei obrigatória a premissa de que todos os textos deveriam ter uma história ou reflexão com início, meio e fim devidamente esclarecidos para que não existisse nenhuma relação dúbia ou sensação de falta de informação. Fiz também com que todos os textos tivessem um ritmo agradável, para que leituras em voz alta sejam agradáveis e convidativas. Lapidei cada texto para que as leituras não sejam cansativas. Optei, na maioria dos casos, por fazer

crônicas que coubessem em apenas uma página, para que as leituras servissem como pílulas de conteúdo ou apenas bons passatempos em filas ou esperas.

Para que fosse possível a conclusão deste produto dentro do prazo estipulado, tornou-se necessária a criação de um esquema de produção. Firmei a obrigatoriedade de contar uma história por dia para que o resultado fosse satisfatório e para que fosse possível a ideia de escolher adicionar na versão final apenas as histórias que eu identificasse todos os itens da lista de obrigatoriedades e também sentisse afinidade pessoal com o texto escrito.

Com o tempo e a quantidade de produções, as memórias importantes já estavam todas presentes e com isso o surgimento de um problema: quais seriam os possíveis temas a serem trabalhados para que fosse possível chegar ao final do processo com uma quantidade satisfatória de crônicas para realmente partir para a etapa de execução e edição de um livro como produto? A fim de solucionar essa problemática, procurei nos acervos digitais possíveis assuntos que tivessem o potencial necessário para virarem tema de crônica. Além disso, tornou-se necessária a busca de mais temas em rodas de conversa e em letras de músicas. Tudo que estabelecia uma espécie de diálogo comigo poderia, com sorte, servir de inspiração para as minhas criações.

Outro limitante para a produção deste livro foi a questão do tempo e da rotina. Eu simplesmente não tive tempo hábil para escolher uma tarde inteira para ficar em frente ao computador para escrever. A rotina de ter um emprego e um projeto pessoal no mundo da moda tornou escassa e curta toda e qualquer janela de tempo que eu poderia ter. Para que fosse possível elaborar todas as demandas, mostrou-se extremamente necessário o desenvolvimento de um planejamento diário que precisava ser seguido à risca, o que claramente, levando em consideração todos os problemas que podem surgir ao longo de um dia, não aconteceu. O planejamento era, na teoria, quase que perfeito. Me propus a produzir sete textos por semana, sendo cinco deles de criação inteiramente nova e dois deles que funcionassem como uma espécie de transposição das minhas memórias. As transposições serviram assim como na música, para deixar as memórias no tom, na espécie de musicalidade que o livro em questão exige e funciona. Com a dificuldade da rotina e as atribuições que a constituem, me deparei diversas vezes com a situação de terminar uma semana devendo no mínimo dois textos para o cumprimento da meta.

A criatividade também encontrou seus obstáculos. Eu realmente não imaginava o tanto que seria complexo produzir uma quantidade suficiente de crônicas para propor uma possível publicação. Entretanto, para a minha sorte, o tempo do mundo nunca para e este fato torna realidade a ideia de que os acontecimentos também não param. Acontecimentos esses que, por muitas vezes, serviram de inspiração para uma ou mais produções.

Durante uma tarde de domingo, após um apagão na minha casa que teve como justificativa uma chuva torrencial, me deparei com a situação de não ter, pelo menos não de forma aparente, uma atividade que não necessitasse de energia elétrica que pudesse me fazer companhia enquanto o tempo passava e a corrente elétrica voltasse a alimentar minha residência. Entretanto, para a minha sorte, me deparei com um livro antigo que eu tenho da Martha Medeiros, datado de 2015, e intitulado de “Simples Assim”. Comecei a folhear o livro e percebi que não me lembrava de quase nenhuma história que estava sendo guardada naquele objeto. Foi então que decidi reler toda a obra, do começo ao fim, e essa foi a melhor escolha que eu poderia ter feito naquela tarde. Após ler uns quinze textos dos quase noventa alí contidos, fui percebendo que a autora apresenta um padrão de escrita que, apesar de muito delicado e suave, se faz presente. Esta constatação me levou à uma dúvida que, ao solucionar, se mostrou muito importante para a minha produção. Eu tenho um padrão de escrita? Se sim, qual? Após refletir sobre o que realmente gosto de escrever e sobre a maneira que eu gosto de contar histórias, fui percebendo padrões nas minhas produções autorais preferidas. Percebi que todas as minhas produções preferidas têm, inevitavelmente, um momento de sorriso. Não estou dizendo de humor, mas sim de reflexão ou espécie de pensamento que seja capaz de fazer com que as pessoas executem o movimento facial do sorriso, seja por estar achando a história divertida ou julgando interessante e inusitada a minha forma de narrar ocorridos.

Além da percepção dos padrões de escrita, aquela tarde de domingo foi capaz de me trazer quase uma dezena de possíveis temas para produções textuais. Entendi que os relatos podem estar atrelados não a um acontecimento em si mas sim ao que ele representa ou o que ele nos provoca no quesito sentimentos.

Durante a pesquisa de autores famosos que pudessem servir de referência me deparei com uma situação um pouco problemática. O excesso de detalhes na construção literária de Machado de Assis sempre me impressionou. Adoro sentir que sei tanto do ambiente construído pelo autor ao ponto de sentir que faço parte do momento. Detalhes como a luz que entrava na sala pelas claraboias e a fragrância de flores que estava sendo sentida no ambiente sempre me encantaram. Como um bom curioso, digo que gosto de saber das coisas na mais completa minúcia. Entretanto, escritas mais cruas e diretas que fogem de todo esse excesso de informação também chamam a minha atenção. A sensação de saber de uma história inteira em questão de minutos ou até mesmo segundos é incrível, me faz pensar que se eu dedicasse um dia inteiro para ouvir esse tipo de histórias eu terminaria o dia com um acervo invejável de acontecimentos e relatos. Esta dicotomia me forçou uma decisão. Eu não ficaria feliz de entregar um produto que tivesse estilos tão distintos em um espaço tão pequeno tempo. Sendo assim, para agradar,

pelo menos parcialmente, o meu lado curioso sem esquecer o lado apressado, optei por mesclar esses dois estilos de contar uma história. Por causa desta escolha, consigo afirmar que os leitores encontrarão um nível de detalhamento que fica no limiar do essencial, sem nenhum tipo de exagero ou escassez.

Partindo dessa escolha, revisei todas as crônicas para garantir que todas estivessem de acordo com essa decisão. Algumas produções refletiam demasiadamente o meu lado curioso e sofreram reduções, outras estavam cruas até demais e tiveram que ser acrescidas de detalhes para que assim fosse possível perceber a construção de um padrão.

4. Considerações finais

Realizar esse trabalho e esse produto foi um imenso desafio. Era uma proposta que, pelo menos no início, imaginei ser simples, mas que no decorrer do processo foi ganhando detalhes cada vez mais complexos e minuciosos. Ao mesmo tempo que eu estudava o referencial teórico, me deparava com momentos de lembranças que serviriam de inspiração para novas crônicas. Pensava em novas alternativas de escolha de crônicas, uma vez que optei por lapidar cada um dos textos presentes na publicação. Fui percebendo pouco a pouco como o caminho da construção de um livro pode se assemelhar, mesmo que minimamente, à uma gravidez. Exerço parte da liberdade de escrita ao esclarecer que considero o produto deste trabalho um filho meu e que, agora, após escolher e lapidar os 42 textos que se fazem presente na versão final, estou também finalizando o período de puerpério, que pode ser também visto como o fim da jornada do herói, explicada por Joseph Campbell, que traz consigo a volta do *Status Quo*.

Espero que esse produto inspire outras pessoas a seguirem no mundo da literatura e que através dos diversos formatos de leitura elas possam garantir a condição de imortalidade da leitura. Tenho ambições de publicar essa obra para que eu sinta, mesmo que minimamente, a sensação de ter deixado alguma espécie de legado para a sociedade. Por fim, acredito que alcancei meus objetivos de documentar minhas memórias e reflexões. Tenho agora um objeto artístico que reflete sobre o perfil de parte dos leitores contemporâneos e que, mais importante do que tudo isso, carrega memórias, reflexões e afetos pessoais meus que me tocaram e que espero que possa tocar muitas outras pessoas.

5. Referências

ANDUEZA, Nicholas; MELLO, Carlos Affonso. Memória no cotidiano da hiperinformação: sobre toda a memória do mundo. **Mídia e Cotidiano**, Rio de Janeiro, 1 abr. 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.

CARRIÈRE, Jean-Claude; ECO, Umberto. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CORTELLA, Mario Sérgio. **Qual é a tua obra?** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5 ed. São Paulo: Editora UNICAMP, 2003.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1993.

MEDEIROS, Martha. **Feliz por nada**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

MEDEIROS, Martha. **Fora de mim**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

MEDEIROS, Martha. **Simples assim**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. **Estudos Históricos**, 5ed., n.10, Rio de Janeiro, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, vol. 2, n.3, Rio de Janeiro, 1989, p. 3-15

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2009.